

**MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS: O RETORNO DE IMIGRANTES
BRASILEIROS DO PARAGUAI (1980 - 2010)****INTERNATIONAL MIGRATIONS: THE RETURN OF BRAZILIAN
IMMIGRANTS FROM PARAGUAY (1980 - 2010)**

Resumo: O presente artigo estuda o retorno de e/imigrantes brasileiros do Paraguai, no período de 1980 a 2010, na perspectiva das migrações transnacionais. Objetiva-se analisar as migrações de retorno de brasileiros do Paraguai. Trata-se de um estudo de história oral, construído a partir da coleta e análise de histórias de vida de emigrantes brasileiros retornados do departamento de Alto Paraná, no Paraguai, e estabelecidos nos municípios de Santa Terezinha de Itaipu e Foz do Iguaçu, região de fronteira do estado do Paraná, no Brasil. Inicialmente, discute-se a categoria do retorno, pautado na historiografia, e em um segundo momento, apresentam-se trajetórias de emigrantes brasileiros retornados.

Palavras-chaves: E/imigrante. Retorno. Paraguai.

Abstract: This article studies the return of Brazilian e / immigrants from Paraguay, from 1980 to 2010, from the perspective of transnational migrations. The objective is to analyze the return migration of Brazilians from Paraguay. This is an oral history study, built from the collection and analysis of life histories of Brazilian emigrants returned from the department of Alto Paraná, in Paraguay, and established in the municipalities of Santa Terezinha de Itaipu and Foz do Iguaçu, region of border of the state of Paraná, Brazil. Initially, the category of return is discussed, based on historiography, and in a second moment, trajectories of returned Brazilian emigrants are presented.

Keywords: E / immigrant. Return. Paraguay.

Vanucia Gnoatto

Mestra em História Regional
pela Universidade de Passo
Fundo (UPF)
vanuciagnoatto@gmail.com



<https://doi.org/10.4013/rlah.2022.1128.16>

Introdução

As trajetórias migratórias são múltiplas e complexas, atravessadas pelo *partir* – decisão de deixar sua terra natal/pátria, motivados pelos fatores de repulsão/expulsão/aqui e atração/lá; o *transitar* – os deslocamentos, as redes migratórias, a opção pela rota e destino; a *travessia* – da fronteira, ou transoceânica; o *chegar* – a primeira impressão do lugar, expectativas/fatores de atração, a recepção e inserção social (Constantino, 2012). A trajetória do e/imigrante – partir, transitar e chegar – nem sempre segue essa linearidade, pois no percurso, há a possibilidade de alteração de rota, motivada, por exemplo, pela ação de agenciadores de imigrantes, companheiros de viagem ou voluntária (Vangelista, 2010).

Contudo, a chegada nem sempre é o ponto final da (i)migração, pois implica na opção pelo permanecer – aqui, cabe lembrar que o emigrante parte movido por um conhecimento prévio sobre o “novo lugar”, seja a partir da propaganda, notícias, cartas, leituras, ou a “febre da emigração”, criando suas expectativas e imagens desse espaço. A frustração/decepção perante o local de chegada leva o imigrante à adaptação e resignação, construindo ali sua “nova pátria”. Outros imigrantes, porém, se recusam a permanecer, queixando-se de terem sido enganados, optando por buscar outros espaços, sejam centros urbanos maiores, outras colônias e, quando há a oportunidade, o retorno. (Davatz, 1972). Nas narrativas da epopeia da imigração, de modo geral, esses imigrantes desaparecem ou são lembrados no rol das “histórias de fracassos” (Elmir; Witt, 2014).

Com esse cenário no horizonte, o presente artigo deborda sobre a categoria do retorno. Como objeto de estudo, aborda as migrações contemporâneas de retorno de brasileiros do departamento de Alto Paraná, no Paraguai, que emigraram/retornaram em diferentes momentos, entre 1980 e 2010, e sua reinserção na sociedade brasileira¹. Objetiva-se analisar as migrações de retorno de brasileiros do Paraguai. O *corpus* documental da pesquisa é formado por sete narrativas de histórias de vida, com enfoque temático nas migrações desses sujeitos, coletadas na fronteira entre Brasil e Paraguai. Como fonte utiliza-se dados quantitativos de retornados dos censos do IBGE de 2000 e 2010.

¹ Uma primeira discussão sobre a temática foi realizada na dissertação de mestrado em História (Gnoatto, 2020).

2. As trajetórias migratórias e suas narrativas

O deslocamento migratório gera novas demandas ao e/imigrante. Uma delas, as formais, como a obtenção/regularização de passaporte, documentos pessoais, compra de passagem, agenciamento com “atravessadores”. Outras, referem-se a sua própria trajetória individual ou coletiva, enquanto sujeito em trânsito, que sente a necessidade de se comunicar com quem permaneceu, ou registrar sua viagem, suas memórias, ou seja, vê-se inclinado a produzir uma escrita de si. Enfim, independente da demanda formal ou pessoal, o e/imigrante produz vestígios de sua passagem, deixados em documentos oficiais, cartas, relatos de viagem, histórias de vida, imagens fotográficas, pinturas (Alheit, 2019). Esses fragmentos permitem ao historiador conhecer e acompanhar as múltiplas trajetórias migratórias.

Ao tratar-se das migrações contemporâneas, há a possibilidade de ouvir e registrar as narrativas de vida dos próprios protagonistas dos deslocamentos migratórios. Assim, optou-se por abordar a temática emigração Brasil-Paraguai e retorno ao Brasil, sob a perspectiva teórico-metodológica da História Oral, na modalidade da história oral de vida.

Conforme Portelli, “una historia de vida es algo vivo. Es siempre una obra en proceso, en la cual el narrador revisa la imagen de su propio pasado a medida que avanza” (Portelli, 1981, p.3). Na mesma perspectiva, Meihy e Holanda, apontam para dinamicidade da história oral de vida, visto que estas não permanecem apenas nos fatos, “mas vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções”, isto porque “as histórias de vida são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala. Isso talha a essência subjetiva da história oral de vida” (Meihy; Holanda, 2007, p. 34-35). As histórias de vida podem ser entendidas, então, como versões narrativas criadas depois de um evento, transmitidas e reelaboradas pelos sujeitos, famílias e comunidades.

Para os estudos migratórios, as histórias de vida trazem elementos importantes da experiência migratória, como a contraposição expectativa *versus* realidade, o cotidiano da migração e a busca e construção de sentido ao deslocamento. Segundo Thompson, “as histórias de vida articulam os significados da experiência e sugerem maneiras de enfrentar a vida” (Thompson, 2002a, p. 358). O registro dessas histórias de vida permite acessar as suas vivências e os modos de construção de suas vidas, perpassadas pelos “não ditos”, os silêncios, as lembranças traumáticas (Thompson, 2002b). Para Pollak, as fronteiras “entre esses ‘silêncios’

e ‘não ditos’ e o esquecimento definitivo e reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento” (Pollak, 1989, p. 8). Logo, os bloqueios e dificuldades que surgem no decorrer da narrativa, com algumas exceções, não são resultado de esquecimentos ou brancos, mas consequências de uma reflexão sobre a própria utilidade de falar sobre o passado.

Enfim, a história oral de vida

é um método fundamental porque a biografia singular é, sobretudo, o *récit* de um destino único”, que “não se refere a algo predeterminado, fora da vida dos indivíduos, porém à ideia segundo a qual a trajetória é forjada no contexto social ao qual o indivíduo pertence (Silva, 2010a, p. 25).

Assim, para coletar a história de vida e entender a subjetividade das pessoas, o método privilegiado é a entrevista. A entrevista com o sujeito permite apreender

“o percurso geográfico das pessoas” e, principalmente, as razões do deslocamento. Ela permite um melhor conhecimento dos lugares geográficos onde viveram as pessoas entrevistadas, possibilitando captar a existência de “redes de parentesco”, muitas vezes “decisivas para a sobrevivência familiar ou a mobilidade social”. Por meio do *récit de vie*, é possível compreender porque as pessoas partiram, porque elas voltaram, ou porque elas permaneceram no lugar de origem (SILVA, 2010b, p.27).

A escuta das histórias de vida de e/migrantes, para o presente estudo, foram realizadas em trabalho de campo no distrito de Santa Rita, Paraguai e nos municípios de Foz do Iguaçu e Santa Terezinha de Itaipu, estado do Paraná. No recorte aqui proposto, analisa-se a narrativa da experiência de retorno de: Lázaro Gonzalves, natural de Lavínia, São Paulo, que residiu por 11 anos no Paraguai; Plínio Seger, natural de Selbach, Rio Grande do Sul, que residiu 28 anos no Paraguai; Paulo Oliveira, natural de Porteirinha, Minas Gerais, que entre Paraguai e Brasil residiu por 7 anos no Paraguai; Maria Elaine Petter Kolling Morandini, natural de Roque González, Rio Grande do Sul, que residiu 7 anos no Paraguai; Nadir Cittó Garbin, natural de Erval Grande, Rio Grande do Sul, que residiu por 20 anos no Paraguai; Ivete Camargo, natural

de Cerro Largo, 22 anos no Paraguai; e Neiva Fridrich, natural de Tunápolis, Santa Catarina, residente atualmente em Santa Rita, Paraguai.

A leitura atenta dessas histórias de vida desenha um cenário múltiplo e complexo dessa categoria do retorno nessa região transfronteiriça.

3. O retorno

O desejo do retorno, consciente ou inconscientemente, acompanha os deslocamentos migratórios, seja o retorno definitivo, ou o desejo de rever a terra natal pelo menos uma última vez ou, ainda, o retorno simbólico final – o desejo de ser enterrado no solo onde nasceu. O retorno é positivado, quando fruto de sucesso econômico, do contrário, é vivido e lido como sinônimo de fracasso, considerando as expectativas precedentes a migração. Em muitos casos, o sonho do retorno à terra natal do imigrante é concretizado pelos seus descendentes, quando possuem condições financeiras para tal. Já para Aramayo e Valdivieso, o retorno não está restrito ao regresso físico dos imigrantes, mas se materializa em práticas de envio de remessas, pois a “*inversión de capitales y las visitas periódicas que contribuyen a la consolidación de redes y vínculos transnacionales; y segundo lugar, no ssume riamente ssume que éste se produce hacia el lugar de origen de los/as migrantes*” (Aramayo; Valdivieso, 2010, p. 2).

De acordo com Durand, a decisão de retornar é uma resolução semelhante a que acontece no momento da partida. Por outra parte, o fenômeno do retorno está relacionado com o que acontece com o migrante durante sua estadia e com as mudanças que acontecem no contexto internacional dos países de origem e destino. Nesse sentido, algumas das explicações que foram oferecidas para ilustrar as causas e a permanência da mobilidade também pode esclarecer, no sentido inverso, o por quê alguns migrantes optam por retornar. Porém, ao mesmo tempo, não se pode transpor mecanicamente as teorias no sentido inverso, pois o retorno tem especificidades que obrigam a repensar teoricamente o fenômeno (Durand, 2006).

Todavia, as discussões sobre o retorno convergem em um ponto central: “não se pode voltar ao tempo da partida, tornar-se novamente aquele que se era nesse momento, nem reencontrar na mesma situação, os lugares e os homens que se deixou, tal qual se deixou” (Sayad, 1998^a, p. 12). Logo, os migrantes retornados inserem-se na sociedade de origem de formas diversas, a depender dos seus recursos tangíveis e intangíveis, suas redes de relações sociais transnacionais e locais, dentre outros (Tedesco, 2018).

Cassarino (2013^a) discute longamente as teorias do retorno, entre elas, a do transnacionalismo e das redes sociais – ambas contribuem para pensar o retorno de imigrantes brasileiros do Paraguai. Na teoria transnacionalista, a migração de retorno integra um sistema circular de relações econômicas, sociais e de trocas que favorecem a reintegração dos migrantes que transmitem conhecimentos recentes, informação e sentimento de pertencimento. Nessa visão, as identidades transnacionais resultam de ajustes da identidade de origem com a adquirida no novo destino. Mesmo que se perceba a competência dos migrantes medirem os custos e os benefícios do retorno, a implicação concreta de fato no espaço de origem, no âmbito social, econômico e político favorece o surgimento e o estabelecimento de identidades transnacionais, que por sua vez, adaptam os comportamentos e as esperanças dos migrantes retornados. Os migrantes retornados tiram vantagem dos “atributos de identidades” conseguidos no exterior, visando assim, diferenciar-se dos demais co-nacionais. Para o autor, na concepção transnacionalista, o retorno não é fundamentalmente constante, e acontece quando são acumulados recursos financeiros e benefícios satisfatórios para manter a família e quando as “condições” no país de origem favorecem.

Já na teoria das redes sociais, percebe-se a capacidade dos migrantes retornados criarem fortes laços com as antigas áreas de moradia no exterior. As redes sociais em que estão inseridas formam sistemas de relações sociais, que tem por base pressupostos comunitários e associativos. Os primeiros fazem referência às relações de longa duração entre integrantes das redes, “cujas relações de troca são influenciadas por seus conteúdos relacionais. Os segundos fazem referência a um grupo seletivo de atores cujas relações são definidas em termos de pertencimento associativo” (Cassarino, 2013b, p. 39). Logo, o conhecimento teórico da teoria das redes sociais é de fundamental importância para entender os modos pelas quais os retornados mobilizam seus recursos, sendo envolvidos ao mesmo tempo na dinâmica e manutenção de redes econômicas e sociais transfronteiriças. As redes não aparecem de forma natural, porém, procedem de situações específicas pré e pós-retorno. Elas criam “um *continuum* entre as experiências dos migrantes vividas nos países de destino e sua situação nos países de origem”. O mesmo “*continuum* diz respeito exclusivamente aos migrantes retornados que se beneficiam de um elevado nível de *preparedness*. Por outro lado, ele inexiste para os retornados que têm baixo ou nenhum nível de *preparedness*” (Cassarino, 2013c, p. 50). Para Cassarino, o retorno é assegurado e amparado por redes transfronteiriças de relações econômicas e sociais que passam informações. Assim, o fato de regressar é somente um passo para a finalização do

projeto migratório. Na perspectiva do transnacionalismo e das redes sociais, o retorno passou a ser visto como uma etapa no processo de migração e não mais como o fim do ciclo da migração.

O retorno está presente tanto nas migrações históricas quanto nas migrações contemporâneas, implicando em impactos demográficos e sociais de mão dupla. Na atualidade, por exemplo, assiste-se a várias facetas do retorno, como por exemplo, a deportação de latino-americanos em situação jurídica ilegal nos Estados Unidos. Simultaneamente, em decorrência da pandemia sanitária provocada pelo vírus SARS-2, países fecham suas fronteiras, bloqueando a mobilidade e o ingresso de imigrantes e refugiados, além de escancarar a precariedade desses sujeitos, marginalizados e desassistidos pelas políticas de saúde pública e pelo Estado. Em condições vulneráveis e sem perspectivas, muitos imigrantes estão optando pelo retorno aos seus países de origem, opção indisponível aos refugiados (Tedesco, 2020).

Os relatos de história de vida sinalizam no horizonte do imigrante o desejo como uma possibilidade, embora não seja a opção desejável. Essa percepção transparece nas histórias de vida de brasileiros que emigraram nas três últimas décadas do século XX ao Paraguai e, gradualmente, tem retornado, por múltiplas razões, estabelecendo-se nos municípios de fronteira, no oeste do estado do Paraná. Ao acompanhar trajetórias individuais e nominais, sobressai a multiplicidade de deslocamentos realizados, cujo retorno muitas vezes está permeado por idas e vindas entre os dois países, ou se torna definitivo e traz uma estabilidade ou, ainda, se dá motivado pelas redes familiares, oportunidades de acesso a serviços públicos e de trabalho no espaço urbano. Entretanto, o retorno não necessariamente significa a volta ao local de partida, nem o término da mobilidade migratória.

4. Emigração e retorno de brasileiros do Paraguai

Um número significativo de agricultores e cidadãos brasileiros emigraram ao Paraguai, nas décadas de 1960-70, atraídos pelas políticas públicas do governo paraguaio, dentre elas, facilidade de acesso à propriedade da terra e preços competitivos. Quanto ao número de imigrantes brasileiros que entraram no Paraguai existem variações. Albuquerque (2005a), em seus estudos, afirma que nas décadas de 1970 e 1980, cerca de 250 mil pequenos e médios produtores agrícolas brasileiros migraram para o Paraguai, e calcula-se que esses números chegavam a 350 mil na década de 1980. No mesmo período, no Brasil, eram expulsos do campo

pela mecanização da produção e a introdução de novas tecnologias – a Revolução Verde –, e das cidades, pelo mesmo processo, com a substituição da mão de obra pelas máquinas.

O fluxo emigratório manteve-se constante, marcado pela circulação desses migrantes na região de fronteira, visitando familiares, cooptando novos emigrantes em potencial. Contudo, as mudanças políticas e econômicas em ambos os lados da fronteira, provocou o retorno de significativo contingente populacional do Paraguai a partir da década de 1980. Segundo Sprandel (1992), no ano de 1985, tem-se um retorno organizado de imigrantes brasileiros para o estado de Mato Grosso do Sul². Esse movimento de retorno foi motivado pela “situação tensa enfrentada por famílias de brasileiros que começavam a ser expulsas pelo fim dos arrendamentos e pelo problema de legalização de terras, tomado forma de mobilização política no início da década de 80”. Após cruzarem a fronteira, estes começaram de forma ordenada a reivindicar terras pressionando as autoridades brasileiras (Sprandel, 1992, p. 29).

Partindo do mesmo pressuposto, Albuquerque (2005) ressalta as mudanças havidas na política e economia paraguaia na década de 1980, como a diminuição de empréstimos agrícolas do Banco Nacional de Fomento, o fim dos contratos de arrendamento disponíveis a agricultores pobres, o que tornou inviável a pequena produção. Nesse contexto no Brasil, em 1985 acabou a ditadura civil-militar e o governo democrático que assumiu sinalizou para possibilidade de se realizar uma reforma agrária. Já no Paraguai, em 1989, a ditadura terminou e os grupos camponeses passaram a exigir com mais força o direito à terra. Essas mudanças políticas que ocorreram nos dois países levaram a “um novo processo migratório com sinais invertidos. Agora os imigrantes pobres são ‘expulsos’ do modelo de concentração da propriedade no Paraguai e estão sendo ‘atraídos’ pela promessa de terra no Brasil”. Esse cenário, por sua vez, levou à formação de grupos de brasileiros que se organizaram politicamente para retornarem ao Brasil, acampando nos municípios brasileiros que fazem divisa com o Paraguai a fim de reivindicarem “a terra e a nacionalidade brasileira”. Estes brasileiros pobres e marginalizados passaram a serem denominados “brasiguaios” (Albuquerque, 2005b, p. 94)³.

² Sprandel (2006), discute o termo brasiguaios e para isso realiza uma cartografia de dissertações, alguns relatórios, teses e artigos escritos desde 1990 que trabalham a presença dos brasileiros na fronteira com o Paraguai com o objetivo de apontar para múltiplas perspectivas, fragmentos e possibilidades de entendimento. A mesma no trabalho alerta para o potencial homogeneizador do termo brasiguaios que engloba pessoas de diferentes grupos sociais e situações legais diferentes. Dessa forma, para evitar a homogeneização ela utiliza o termo brasileiro na fronteira com o Paraguai e não brasiguaios.

³ Albuquerque (2005) apresenta várias definições atribuídas ao termo brasiguaios, a primeira ideia é do imigrante brasileiro pobre que não conseguiu ascender socialmente e acabou regressando ao Brasil. A segunda ideia refere-se aos grandes fazendeiros brasileiros residentes no Paraguai. A terceira, aos filhos de imigrantes que nasceram e possuem cidadania paraguaia. A quarta, aos imigrantes brasileiros e seus descendentes que falam um idioma

O final dos anos 1980 e início dos anos 1990, houve o retorno em massa de brasileiros estabelecidos na região norte do departamento de Alto Paraná, no Paraguai, como “uma fuga às atrocidades perpetradas pelos campesinos paraguaios exógenos aos movimentos sociais e, também, pela polícia paraguaia, que persegue os migrantes pobres”. Da mesma forma, “esses camponeses brasiguaios sem-terra foram responsáveis pela limpeza das terras onde atualmente se encontram as grandes propriedades da soja e, ironicamente, são expulsos pela expansão dessas mesmas propriedades que ajudaram a amansar” (Ferrari, 2009, p.149). Nos anos seguintes, os fluxos migratórios de retorno se mantiveram, porém, em pequeno número e geralmente compostos por grupos familiares, motivados por razões múltiplas. Para Baller, a partir do inicio do século XXI, essa migração de retorno tem como um dos fatores a política interna brasileira, que revelou outra dinâmica, levando ao retorno de muitos brasileiros de vários países, imaginando novas perspectivas. Outro fator relaciona-se “aos anos correspondentes ao final do século XX que ainda colhiam o resultado do acentuado retorno de denominados brasiguaios ao Brasil” (Baller, 2014, p.137).

Nesse contexto, cabe assinalar a relação neocolonialista produzida pelas elites agrícolas brasileiras e paraguaias sobre agricultores brasileiros e desenraizados paraguaios, que por sua vez, também será responsável pelo processo de retorno de pequenos proprietários de terras brasileiros, que não conseguem fazer frente ao agronegócio. Vuyk (2013), cientista política paraguaia, em seu estudo percebe um “subimperialismo” brasileiro sobre o Paraguai. Segundo ela, frente aos novos avanços do capital brasileiro, proveniente tanto da burguesia quanto do latifundiário, bem como do Estado paraguaio, promoveu-se e defenderam-se os interesses do Brasil. Percebe essa relação imperialista quando se trata da manutenção do latifúndio, a competição entre a burguesia brasileira e a paraguaia, no uso da eletricidade nacional. Nessas e outras situações, o Paraguai tem mantido uma postura de dependência em relação ao Brasil.

É notável nos distritos visitados no Paraguai a forte presença do agronegócio. Se por um lado, o agronegócio desenvolveu a economia da região leste do país, trouxe melhorias, modernizou a agricultura, levou a safra recordes de grãos; por outro lado, ocasionou problemas ambientais, conflitos agrários relativos principalmente a titulações de terras e a exclusão social de campesinos paraguaios e pequenos agricultores brasileiros. No caso dos imigrantes brasileiros, possuírem poucos recursos financeiros para permanecer no campo, forçando-os a

fronteiriço e misturam características culturais das duas nações. A última definição atribui o termo brasiguaios a todos imigrantes brasileiros no Paraguai.

um novo processo migratório, com destino aos centros urbanos, outros distritos do Paraguai ou de retorno ao Brasil (Gnoatto, 2020).

Quanto ao número de retornados, segundo os dados do IBGE (IBGE, 2000), em 2000 o número de imigrantes internacionais retornados foi de 87,9 mil, o que corresponde a 61,2% dos imigrantes do período. No ano de 2000, entre os países de origem desses retornados estava o Paraguai (35,5 mil), Japão (19,7 mil), Estados Unidos (16,7 mil), Argentina (7,8 mil) e Bolívia (6,0 mil). Conforme os dados do Censo do IBGE de 2010, 65,6% (174.597 mil) dos imigrantes internacionais no Brasil são retornados, em sua grande maioria dos Estados Unidos (43,72%), na sequência do Japão (36,88%) e, em terceiro lugar, do Paraguai (13,74%). Os dados do Censo de 2010 apontam que o estado do Paraná é o segundo colocado entre as unidades da federação a receber retornados (Botega et al, 2015).

Ao abrir os dados do Censo de 2010 relativo aos brasileiros retornados do Paraguai, do total de 26.274 indivíduos, há 13.431 homens e 12.843 mulheres, sobressaindo o caráter familiar do retorno. Predomina a faixa etária entre 40 e 64 anos, somando 7.877 indivíduos. Quanto a formação escolar, 19.559 se definem como sem instrução ou ensino fundamental incompleto. Parcela significativa desses retornados – 15.378 – se mantém economicamente ativos, e outra parte declara ter uma ocupação – 14.531 e, desse total, 41,9% sobrevivia com até dois salários mínimos. A reinserção desses brasileiros retornados aconteceu em atividades “elementares (31,4%) e no grupo ocupacional que reúne trabalhadores na agropecuária e similares (14,9%), o que pode ter proporcionado a maior taxa de ocupação registrada para esse coletivo” (Oliveira, 2016, p. 37).

5. Trajetórias de retornados

O sujeito, ao optar pela migração, torna-se protagonista de sua própria trajetória, capaz de mudar o rumo de seu destino, impulsionado por uma decisão individual, influenciada e atravessada pelo contexto externo. Sayad (1998b, p. 16) entende a imigração como um “fato social completo”, pois o indivíduo é denominado imigrante pela sociedade a partir do momento em que ele chega a um novo território, logo, a origem da imigração é o emigrante. O autor salienta ainda que existe uma dupla contradição na imigração: “não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinitivamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de

provisoriedade”. Porém, “insiste-se com razão na tendência atual que os imigrantes possuem de se ‘instalar’ de forma cada vez mais duradoura em sua condição de imigrantes” (Sayad, 1998c, p. 45), a qual passa de provisória a definitiva.

Sayad (1998d) escreve a partir de suas percepções sobre aqueles que foram desenraizados de Cabilía, por franceses, e emigraram para a França. Como no trabalho de Sayad, a emigração de brasileiros ao Paraguai também é fruto do impacto do neocolonialismo no universo rural. Porém, a lógica é diferente, pois uma parcela de brasileiros adquiriu terras paraguaias para produzir *commodities*, como a soja, a fim de exportar para o mercado mundial. Essa parcela assemelha-se aos colonos franceses que ocuparam as terras magrebinas. A presença de imigrantes brasileiros faz-se notar pela pluralidade cultural, mas a distinção entre o “nós” e “eles” é mais acentuada no aspecto econômico. Houve aqueles imigrantes brasileiros que adquiriram terras e acompanharam o processo de modernização, ampliando seu empreendimento. Outros, permaneceram como pequenos agricultores familiares que, sem condições de acompanhar as inovações tecnológicas, viram-se obrigados a remigrar ou retornar. Outros, ainda, encontravam-se em uma condição tão precária e provisória, principalmente os arrendatários e diaristas que trabalhavam no campo, que tiveram que retornar ao Brasil.

Para Sayad (2000a), a ideia de retorno está ligada a denominação e ideia de emigração e imigração, e suas implicações em ambos espaços sociais. A imigração em um determinado lugar não existe sem que não tenha existido emigração em outro lugar, não há presença em determinado lugar que não tenha, por outro lado, se ausentado de outro. Ao se referir a migração de retorno, o autor percebe que este reporta a uma relação com o tempo, espaço físico e com o grupo:

[...] uma relação com o tempo, o tempo de ontem e o tempo do futuro, a representação de uma projeção do outro, sendo estritamente dependentes do domínio que se tem do tempo presente, isto é, do tempo cotidiano da migração; uma relação com a terra em todas as suas formas e valores, inicialmente em suas dimensões físicas e geográficas e, em seguida, em suma apenas metáfora do espaço social; uma relação com o grupo, aquele que se deixou fisicamente, mas que continua a carregar de uma maneira ou outra, e aquele no qual é preciso se impor, aprender a conhecer e dominar (SAYAD, 2000b, p. 12).

Para Fazito (2010), o emigrante, no momento da partida, acredita absolutamente que um dia voltará para o mesmo “espaço” original, como se a decisão de emigrar somente fosse individual e pontual, presente em um espaço e tempo manipulável racionalmente. Porém, frente

à impossibilidade do retorno, vivida muitas vezes de forma inconsciente pelos imigrantes, parece restar a possibilidade socialmente estruturada de uma forma de dissimulação. O imigrante modifica de forma simbólica suas próprias vivências do cotidiano quando cria ilusões sobre o retorno às suas origens, visando justificar sua condição, muitas vezes nada cômoda de deslocado e inclassificável. Ao se tornar migrante, aprende a se dissimular para si, para os que ficaram na terra natal, e para os da terra de destino, “como forma de consagrar um novo contrato social que precisa estabelecer os limites da crença social nesse triplo sentido de relações”. O retorno desejado, mesmo que seja impossível, produz uma força “capaz de se materializar em normas, valores e comportamentos de indivíduos e grupos” (Fazito, 2010, p. 91).

Ao mapear e arrolar as motivações para o retorno de emigrantes brasileiros do Paraguai, nos anos 1990 até 2018, sobressaem os seguintes fatores: atendimento de saúde pública, aposentadoria (seguridade social), trabalho com carteira assinada, altos custos dos insumos para a agricultura, conflitos agrários, estudo dos filhos e a inexistência de escolas na zona rural. Igualmente, o processo de mecanização agrícola levou à expulsão dos trabalhadores assalariados do campo, arrendatários, posseiros e pequenos agricultores que não conseguiram fazer frente a essa nova realidade.

Nas narrativas de suas trajetórias de vidas, cada imigrante retornado justifica sua opção. A família do agricultor Lázaro Gonçalves, estabelecida no Alto Paraná, no distrito de Los Cedrales, na impossibilidade de permanecer na pequena propriedade agrícola devido ao avanço do agronegócio, decidiram voltar para o estado do Paraná.

Lá também as terras foram ficando já mais fracas, e os grandes foram comprando [as terras] [d]os pequenos, né. E a gente não tem como sobreviver no meio [na agricultura]. Um pequeno com cinco alqueires no meio de grandes fazendeiros, que foram abraçando tudo né [...]. A gente já não tinha estrutura para aguentar família grande com pouca terra (GONÇALVES, 2019).

O professor e agricultor Plínio Seger aponta mais razões para o retorno: “uns não viram mais luz [no fim do túnel] e voltaram [...]. Muitos voltam, umas [mulheres] por viúves, outros por doenças, outros porque não veem mais [perspectivas], estão isolados no interior [meio rural], uns saíram, outros saíram” (Seger, 2019). Acrescenta ainda como fator preponderante para o retorno a aposentadoria –seguridade social –, uma vez que no Paraguai essa somente é concedida aos funcionários públicos, cargos que só podem ser ocupados por paraguaios. Menciona ainda a dificuldade encontrada por muitos retornados para conseguir o benefício da

aposentadoria devido ao tempo decorrido em que estiveram fora do país e não contribuíram ao INSS.

Outro aspecto notável nessas narrativas são as migrações múltiplas, quando o sujeito realiza sucessivos deslocamentos, mantendo uma provisoriação no local de chegada. Esse “ser provisório” tem outras implicações, que dizem respeito a nacionalidade: ao não requerer a naturalização no Paraguai, mantém a nacionalidade brasileira, todavia, por viver no exterior, perdem os benefícios concedidos aos nacionais. Esse perfil caracteriza a trajetória de Paulo Oliveira, natural de Porteirinha, Minas Gerais, que emigrou junto com a família paterna para vários municípios da região de Londrina, Paraná, e após emigrou para Los Cedrales, no Paraguai, no final da década de 1970, retornando a Foz do Iguaçu em 1980, por sugestão de uma parteira, tendo em vista a saúde frágil de sua esposa, e a disponibilidade de atendimento de saúde do outro lado da fronteira. No retorno, trabalhou por dois anos na ITAIPU, mas, com a conclusão da obra, sem trabalho e perspectivas, decidiu regressar ao Paraguai, em 1982, estabelecendo-se como pequeno agricultor em Los Cedrales. Entretanto, as dificuldades para se manter na agricultura, movimentou a família novamente para o outro lado da fronteira, fixando-se na área urbana de Foz do Iguaçu, no Paraná, em 1986, onde permanece (Oliveira, 2019).

O “viver na fronteira” entre duas pátrias também tem seu preço. Por vezes, o imigrante deseja o retorno, mas por outras, já não se sente pertencente a terra natal. Neiva Fridrichs, natural de Tunápolis, Santa Catarina, após sucessivas migrações no Paraguai, até se estabelecer em Santa Rita, Paraguai, ao referir-se a esse sentimento próprio do imigrante, diz:

A gente tem saudade do Brasil, tem né. A gente vai lá [Brasil], mas [...] aqui a gente se sente mais em casa ainda. Vontade enorme de morar no Brasil a gente tem, mas quando a gente vai passear lá a gente já sente saudade de novo de voltar pra casa. Quando a gente pisa em solo nacional paraguaio de novo a gente se sente em casa, porque a gente construiu toda a nossa vida aqui (FRIDRICHES, 2018).

O sentimento de nostalgia acompanha essas trajetórias migratórias – da casa natal, o solo natal, a casa dos antepassados – mas, gradualmente, esses e/imigrantes percebem que não existe o retorno ao idêntico, pois “emigrar e imigrar é antes de mais nada mudar de espaço, de território” (Sayad, 2000c, p. 12). Mesmo que esse processo aconteça sem muitos problemas, ou se conforme com as dificuldades, tanto pequenas como grandes, ‘mudar de espaço – deslocar-

se de espaço, que é sempre um espaço qualificado – é descobrir e aprender simultaneamente que o espaço é, por definição, um “espaço nostálgico”, um lugar aberto a todas as nostalgias, isto é, carregado de afetividade’. Este não é um espaço abstrato, mas “se trata de um espaço vivo, concreto, qualitativa, emocional, e até mesmo apaixonadamente distinto” (Sayad, 2000d, p. 12).

Martins, ao estudar o retorno nas migrações temporárias internas no Brasil, no final da década de 1980, afirma que o retorno recorrente ao lugar de partida não forma “a identidade nem as relações sociais originais do trabalhador”. Nas migrações temporárias, esses migrantes percebem que o espaço da partida e as relações sociais sofrem modificações. A migração, para o autor, “não é estranha a esse pequeno mundo de origem: altera-o, modifica-o de tal modo que ao retornar o migrante já não encontra a mesma situação deixada. Sua ausência modifica o arranjo das relações sociais” (Martins, 1988, p.7).

Os migrantes retornados também se distinguem pelo modo como vivenciam o retorno. Para fins de estudo, os retornados podem ser classificados em quatro categorias flexíveis e permeáveis, pelas quais o imigrante transita no decorrer de sua vida, conforme as circunstâncias.

Os migrantes que não conseguem se readaptar e retornam apenas para passear e rever a família e os amigos, nos períodos de férias; os emigrantes que retornam e conseguem vencer todas as dificuldades econômicas, sociais e culturais e se fixar na sua terra natal; os que vivem tentando retornar, mas não conseguem, seja por razões econômicas ou culturais, e outra que, pode-se dizer, está se configurando como dos transmigrantes (SIQUEIRA, 2009. P.87 *In: SILVA; FERREIRA, 2013a, p.6.*)

Emerge, aqui, um outro perfil de imigrante: aquele que não quer se fixar nem retornar, uma vez que se acostuma com a mobilidade e a condição de migrante. Assim sendo, o que o determina não é mais o lugar de origem ou o de destino, mas sua condição de sem lugar. Dessa forma, “o retorno (não definitivo) é apenas mais um elemento de confirmação da condição de migrante” (Silva, Fernandes, 2013b, p.6). Esse elemento é importante para se compreender o retorno de brasileiros do Paraguai, pois estes em grande parte tendem a realizar outras migrações em solo brasileiro após o retorno do país vizinho.

É o caso de Maria Elaine Petter Kolling Morandini, que emigrou em 1985, acompanhando seus pais e sete irmãos da família Kolling, partindo de Roque González, região missionária do Rio Grande do Sul, para o distrito de Iruña, no departamento de Alto Paraná, no

Paraguai. Estabelecidos no Paraguai como agricultores, a família não conseguiu adquirir terra suficiente para manter e partilhar entre todos os filhos. Nessas condições, então já casada e acompanhada de seu esposo, Maria Morandini retornou ao Brasil em 1992, onde permaneceu migrando, até se fixar: “eu vim do Paraguai e fui pra Santa Isabel [do Oeste, no Paraná]. De Santa Isabel [do Oeste] fui pra Joinville [em Santa Catarina]. De Joinville fui pra Florianópolis, [e depois] voltei pra Joinville de novo. E agora eu estou aqui, em Foz [do Iguaçu]” (Morandini, 2019). A família está estabelecida no espaço urbano em Foz do Iguaçu e trabalha na construção civil.

Nas migrações contemporâneas, como assinala Romeu, “o retorno é mais do que uma inversão do sentido migratório, tradicionalmente visto como a conclusão da mobilidade”, pois existem múltiplas idas e vindas; há movimentos que se tornam uma ida constante percorrendo diferentes lugares, fazendo várias etapas migratórias; há partidas com rápidos retornos; há partidas longas com retornos aspirados que quando acontecem, em pouco tempo se transformam em novas migrações (Romeu, 2018a, p.104).

Contudo, observa-se nas trajetórias de vida estudadas que os e/imigrantes retornados, já com idade mais avançada, ou por questões de tratamento de saúde, asseguram que seu retorno é definitivo. Nesses casos específicos, o retorno acontece com o auxílio de redes transfronteiras, atraídos pelos benefícios na área da saúde e previdência social, como cidadãos brasileiros.

Nesse cenário enquadra-se a trajetória do casal Garbin, que optou pelo retorno em 2000. Conforme o relato, Nair Chittó Garbin, natural de Erval Grande, Rio Grande do Sul, emigrou com os pais para Santa Catarina, quando tinha sete anos. A família permaneceu nesse local, onde os filhos se casaram, inclusive Nair. Todavia, a propaganda sobre as possibilidades de progresso no Paraguai, chegou na comunidade, atraindo os colonos. Assim, “os outros fizeram a cabeça [do meu esposo], que era pra ir pro Paraguai”. Convencidos pela propaganda, o casal emigrou em 1980 para o distrito de Iruña, no departamento de Alto Paraná, no Paraguai, onde residiram por 20 anos. No final do ano de 1999, o seu esposo teve um grave AVC, levando a família a cogitar e realizar o retorno do casal ao Brasil, a fim de obter tratamento médico.

O meu filho tinha comprado essa casa aqui, perto de rodoviária, perto de ponto de táxi, perto de farmácia [em Santa Terezinha de Itaipu]. Nada contra o Paraguai! [...]. Não tinha mais como nós morar no interior. Nós morávamos no interior, longe de farmácia, disso e daquilo, ele [esposo] não era pra fazer nada [...], não tem mais como morar na roça. Daí eu abandonei a roça, a minha cozinha e tudo [...]. Daí acharam [os filhos] que era melhor vir pro Brasil, que aqui tu encaminha [o tratamento de saúde] pelo SUS [Sistema Único de

Saúde], sempre se consegue. Nós conseguimos muita coisa [...]. Eu prefiro aqui, a gente faz exames de vez em quando (GARBIN, 2019).

Entretanto, o casal também se enquadra no perfil de transmigrante, pois seu retorno ocorreu por uma questão bem pontual, mas ainda possui terras, filhos casados e netos no Paraguai, mantendo vínculos estreitos com aquele país. Já o filho que residia em Santa Terezinha de Itaipu, no Brasil, optou pelo retorno ao distrito de Iruña, no departamento de Alto Paraná, no Paraguai, reassumindo o trabalho na propriedade de terras da família.

Percebe-se que o ir e vir nessa região de fronteira – uma fronteira porosa –, acaba conformando o cotidiano dessas famílias, criando redes familiares e sociais, acionadas conforme a demanda em questão. Essas redes, em ambos os lados da fronteira, contribuem e agilizam no atendimento de demandas específicas, como saúde, moradia, previdência social, trabalho, etc.

Nas trajetórias dos imigrantes retornados, encontram-se com certa frequência relatos de que, já idosos, em condições frágeis de saúde, foram acolhidos por seus filhos, residentes no país de origem, e foram encaminhados para tratamento de saúde. Por exemplo, Ivete Camargo trouxe seu pai do Paraguai para receber tratamento de saúde junto ao SUS, no Brasil.

O pai teve problemas sérios de saúde. Daí ele não tinha condições de pagar o médico em Santa Rita [Paraguai], porque era tudo particular. Ele foi internado no hospital Cristo Rei [...], daí tinha que pagar tudo. [E] não se descobria o que era [a doença], e o pai cada vez mais fraco. Daí eu falei pra eles [pais], que ia conseguir por ele pelo SUS, que era pra eles vir morar com nós. Daí o pai e a mãe vieram morar com nós. Mais tarde, eles venderam a terra deles lá e compraram um terreno e fizeram uma casa por aqui (Camargo, 2019).

Nesse caso em específico, a rede familiar se estende pelos dois lados da fronteira, visto que Ivete Camargo reside em Santa Terezinha de Itaipu, enquanto seu marido permanece no Paraguai. Percebe-se que essas famílias usufruem das oportunidades e possibilidades dos dois lados da fronteira, moldando suas estruturas familiares e nacionalidade.

Logo, o imigrante, uma vez retornado, está impregnado com as vivências do lugar de procedência, e emerge como uma totalidade: “uma vida construída pela mobilidade entre dois ou mais espaços, entre idas e vindas. Uma vida marcada por lugares de memória e do cotidiano presente, realidades que constituem personalidades e projetam devires” (Romeu, 2018b, p. 88).

Considerações finais

Portanto, o retorno – como fato, como possibilidade, como nostalgia – é parte dos deslocamentos migratórios históricos e contemporâneos. Cada leva de imigrantes, ao partir/transitar carrega consigo suas expectativas de encontrar, ao chegar, a sua terra prometida – a nova “Canaã”. O permanecer/partir ou retornar, fazem parte dessa trajetória, e surgem como possibilidades.

A emigração de brasileiros ao Paraguai, especialmente agricultores provenientes da região sul do Brasil, atenderam às políticas econômicas e disponibilidade de terras para colonização no país vizinho, somado a tessitura de redes migratórias, assentadas em relações sociais e familiares. A inversão de sentido das migrações, prevalecendo o retorno, atende a outras demandas, múltiplas e complexas, que trazem à tona estratégias sociais e familiares, vinculadas principalmente a seguridade social e assistência de saúde. Revela, ainda, tratar-se de uma emigração que se considera provisória, uma vez que não procede a naturalização no país destino.

Finalmente, é preciso considerar que se trata de uma zona de fronteira, cuja configuração difere de outros deslocamentos migratórios a longas distâncias. A proximidade, a alocação da família em ambos os lados, as facilidades de vias e meios de comunicação, permite a configuração de transmigrantes, atrelados a redes. Assim sendo, pode se constatar que o retorno não é o fim, e ele nem sempre se dá para o lugar de partida.

Referências

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai.** 2005. 265f. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2005.

ARAMAYO, Yolanda Alfaro; VALDIVIESO, Lorena Izaguirre. Migración y perspectivas de retorno. Estado de la Situación. **Cuadernos de Reflexión**, La Paz, CESU-UMSS, n. 5, p. 1-32, 2010.

BALLER, Leandro. **Fronteira e Fronteiriços:** A construção das relações sociais e culturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014). Tese (Doutorado em História). 2014. Universidade Federal da Grande Dourados, Programa de Pós-Graduação em História,

Dourados, 2014.

BOTEGA, Tuila; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu (Orgs.).

Migrações Internacionais de Retorno no Brasil. Brasília: Relatório, 2015.

CASSARINO, Jean-Pierre. Teorizando sobre a migração de retorno: uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno. **REMHU - Rev. Interdiscipl. Mobil. Hum.** Brasília, Ano XXI, n° 41, p. 21-54, jul./dez, 2013.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Imigrantes italianos: partir, transitar, chegar (1889-1930). In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord.). **História Geral do Rio Grande do Sul: República Velha (1889-1930).** v. 3, t. 1. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 395-418.

DAVATZ, Thomas. **Memórias de um colono no Brasil:** 1850. São Paulo: Martins, Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.

DURAND, Jorge. Los inmigrantes también emigran: la migración de retorno como corolario del proceso. REMHU, 2006, Brasília: ano XIV – n° 26 e 27, p. 167-189, 2006.

ELMIR, Cláudio P.; WITT, Marcos A. (orgs.). **Imigração na América Latina:** histórias e fracassos. São Leopoldo: Oikos; Ed. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2014.

FAZITO, Dimitri. Análise de Redes Sociais e Migração. Dois aspectos fundamentais do “retorno”. **RBCS**, São Paulo, vol. 25 n° 72, 2010.

FERRARI, Carlos Alberto. **Dinâmica Territorial na(s) Fronteira(s):** Um estudo sobre a expansão do agronegócio e a exploração dos brasiguaios no norte do Departamento de Alto Paraná Paraguai. 2009. 216f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Notícias*. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=2125>. Acesso em 5 abr. 2020.

MARTINS, José de Souza. Migrações temporárias: problema para quem? São Paulo: **Revista Travessia**, n°1, maio – agosto, p.5-8, 1988.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabiola (Orgs.). **História Oral:** como fazer e como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

NEUMANN, Rosane Marcia. **Uma Alemanha em miniatura.** O projeto de imigração e colonização étnico particular da Colonizadora Meyer no Noroeste do Rio Grande do Sul (1897-1932). São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2016.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. A migração de retorno para o Brasil no contexto da crise econômica. **Revista de Estudios Brasileños**, São Paulo, v.3, n. 5, p.27- 41, 2016.

PETER, Alheit. Migração e biografia: aspectos históricos de um relacionamento emocionante. **HDT**, Passo Fundo, vol. 19, nº 2, p. 165-178, 2019.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, p.3 -15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. “El tiempo de mi vida”: Las funciones del tiempo en la historia oral”. **Rev. Internacional Journal of Oral History**, vol. 2, n.3, p. 162-180, 1981.

ROMEU, Thiago. Reflexões sobre a subalternização dos migrantes e sua emergência como sujeitos geográficos na contemporaneidade. In: MARTINS, Isis do Mar Marques; MONDARDO, Marcos Leandro (Orgs.). **Migrações no mundo da fluidez e dos muros: movimentos, práticas e resistência na América Latina**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2018. p. 82-110.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração**. São Paulo: Edusp, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno, elemento constitutivo do migrante. **TRAVESSIA - Revista do Migrante**, São Paulo, jan. 2000 (número especial).

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Mulheres trabalhadoras rurais: trajetórias e memórias. **RURIS**, São Carlos, v. 4, n 2, set., 2010.

SILVA, Romerito, Valeriano da; FERNANDES, Duval. Magalhães. Migração Internacional de retorno no Brasil: um novo desafio? In: **14º Encontro de Geógrafos da América Latina. Anais do 14º EGAL**. Lima, Perú: IGU - Comitê Nacional Perú, 2013.

SPRANDEL, Márcia Anita. **Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais**. 1992, 294f. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

TEDESCO, João Carlos. Imigrantes e desenvolvimento econômico nos espaços de origem. A imigração e o retorno de brasileiros da Itália. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v.54, p. 282, 2018.

TEDESCO, João Carlos. **Desejados e expulsos: trabalhadores imigrantes na/como pandemia: notas de uma leitura conjuntural**. Passo Fundo: Acervus, 2020.

THOMPSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, [s.l.], v. 22, n. 44, p.341-364, 2002.

VANGELISTA, Chiara. Mobilidade social e espacial como objetos da história. In.: **Simpósio de História da Imigração e Colonização**. Migrações: Mobilidade social e espacial. 19º Simpósio de História da Imigração e Colonização. Organizador Martin N. Dreher. São Leopoldo: Oikos, 2010.

VUYK, Cecilia. **Subimperialismo brasileño y dependencia paraguaya: análisis de la situación actual**. Buenos Aires: CLASCO, 2013.

Entrevistas orais:

CAMARGO, Ivete. História de vida. [Entrevista concedida a Vanucia Gnoatto], Santa Terezinha de Itaipu, 2019.

FRIDRICH, Neiva. História de vida. [Entrevista concedida a Vanucia Gnoatto], Santa Rita, 2018.

GARBIN, Nair Chittó. História de vida. [Entrevista concedida a Vanucia Gnoatto], Santa Terezinha de Itaipu, 2019.

GONÇALVES, Lázaro. História de vida. [Entrevista concedida a Vanucia Gnoatto], Foz do Iguaçu. 2019.

MORANDINI, Maria Elaine Petter Kolling. História de vida. [Entrevista concedida a Vanucia Gnoatto], Foz do Iguaçu, 2019.

OLIVEIRA, Paulo de. História de vida. [Entrevista concedida a Vanucia Gnoatto], Foz do Iguaçu, 2019.

SEGER, Plínio. História de vida. [Entrevista concedida a Vanucia Gnoatto], Foz do Iguaçu, 2019.

Recebido em: 17/12/2020

Aceito em: 05/08/2021



RLAH

Agosto/Dezembro de 2022